

TOXICOMANIAS : RUMO À CURA. ONDE OPERA O ANALISTA?

Maria Luiza Mota Miranda

É uma constatação clínica que muitos indivíduos se apresentam nos Centros de Tratamento para toxicômanos com a frase: *Eu sou toxicômano*.¹ É possível a partir dessa constatação propor como primeiro ponto de análise a seguinte afirmação: o toxicômano é um indivíduo que faz uso intensivo de drogas e que pode ter o seu discurso reduzido à frase: *Eu sou toxicômano*.

Lacan define a droga como o que permite romper o casamento com o pequeno pipi. O modo como este rompimento com o pipi, com o falo imaginário se dá permite à droga adquirir um valor tóxico, de objeto da necessidade. Assim não se trata de castração, pois o objeto do desejo é subtraído, já que a droga é elevada à condição de objeto da necessidade. Pode-se nesse caso utilizar a noção de privação que vem para dar conta do que se chama um “furo no real”, ou seja, a falta de objeto se dá no real e é por isso que se fala em abstinência da droga. Só que aí o objeto é simbólico, pois a privação é a “simples ordem simbólica”, é a simbolização do objeto no real, como diz Lacan no O Seminário *A Relação de Objeto*.

O que é que faz com que alguém se sustente numa frase do tipo, *Eu sou toxicômano*, qual a causa? Que consequências clínicas podem daí advir? Como opera o analista?

A catacrese

Eu sou toxicômano é uma apresentação, uma frase que aparentemente substitui o Nome Próprio, localizando-se no anônimo e em uma série. Há também outras apresentações como *X, o alcoolista* ou *Y, o alcoolista*.

Eu sou toxicômano na toxicomania ganha valor de mecanismo de defesa, de figura de estilo, é uma catacrese.

A metonímia e a metáfora são mecanismos que permitem ao sujeito do inconsciente se manifestar por seus efeitos, são figuras de estilo, ornamentam o discurso, “são mecanismos de defesa utilizados pelo Eu para acobertar o sujeito, se concentram contra a mensagem do inconsciente”.

A catacrese é uma redução, uma transformação da metáfora, quando esta perde o seu valor estilístico, tornando-se expressão comum. Modernamente forma-se graças à semelhança de forma existente entre os seres, há uma causa formal no sentido de ‘idéia ou modelo à qual o objeto corresponde’. São tiradas do mundo, do uso comum e são formadas com os anos dentro do idioma.

É no mundo moderno e também no discurso da ciência que o toxicômano apanha a frase que lhe dá sentido e sustentação, fazendo-a equivar ao seu ser. Quem assistiu o filme ‘Jogos de Adultos’ pode lembrar da seguinte fala: ‘Só é dizermos aos drogados que eles precisam de uma instituição de tratamento para se para se curar, que eles acreditam’. A ciência procura cada vez mais colocar o seu discurso acessível a todos, ao uso comum. É no discurso da ciência que os toxicômanos vão buscar sua classificação e nesse discurso se constituem.

A Afirmação

¹ Este enunciado vem sendo discutido no Campo Freudiano, principalmente através das contribuições de Hugo Freda.

O toxicômano se reconhece na afirmação, se apresenta numa auto-referência ao se dar o atributo de si próprio. É no entanto uma afirmativa que não se situa no mesmo nível da lógica do inconsciente. O Sim do inconsciente, parafraseando Miller, é o Sim que não possui contrário, que não conhece a contradição, tem valor de escrito. O Sim do toxicômano tem valor de mecanismo de defesa, de figura de linguagem, do mesmo modo que o Não da denegação. O Não não procede do inconsciente, mas é o reconhecimento do inconsciente por parte do Eu que se expressa através de uma fórmula negativa, enquanto que *Eu sou toxicômano* é uma fórmula afirmativa. Se a denegação, a metáfora e a metonímia são mecanismos de defesa do inconsciente, a afirmativa nas toxicomanias é um mecanismo que alimenta o ser. *Sou, não sou*, é uma questão de oposição e não de contradição, e o toxicômano não produz essa margem de pensamento, essa aparição do ser sob a forma do não-ser que se produz com a denegação.

O sujeito se constitui na qualidade que são as negações. Lacan em *Ou... Pire* trará quatro modalidades de negação: a forclusão do dizer, a discordância, a exceção e a inexistência.

Para Freud a função do juízo só é possível pela criação do símbolo da negação que permite que o pensar se libere das limitações do recalque e se enriqueça de conteúdos, é a atitude fundamental da simbolicidade explicitada, segundo Hyppolyte. Assim se constitui o sujeito do inconsciente.

Na sua constituição de sujeito o toxicômano prescinde da denegação. No O Seminário *A Lógica da Fantasia* Lacan vai dizer que tudo é permitido ao inconsciente, salvo articular *Então eu sou*. Daí podemos deduzir que no enunciado do toxicômano não há sujeito do inconsciente, pode-se pensar que há sujeito acéfalo da pulsão.

Lacan marca que a criação do símbolo da negação “não pode nem sequer referir-se à constituição do objeto”, pois é um momento “de uma relação do sujeito com o ser e não do sujeito com o mundo”. Se a constituição do sujeito se faz na relação com ser e não com o mundo, em sua constituição o toxicômano rompe com esta relação, fazendo uma relação dual com o objeto da necessidade no mundo.

O toxicômano não se encontra no nível da expulsão onde há recalque primário. Ele teve acesso à função simbólica, mas o rompimento com o pipi não lhe permite operar a separação. É na inscrição do \emptyset , da metáfora paterna, que a problemática se dá, pois a metáfora do Nome do Pai se constitui pela exceção, como vimos anteriormente, enunciada por Lacan como $\exists x \sim \emptyset x$. É a exceção que introduz o sujeito na função fálica, permitindo-o via particular se constituir no universal, e isso é castração. Por estar na privação o toxicômano tem o pai imaginário como o agente.

O toxicômano está no princípio de identidade

Eu sou toxicômano é uma frase que pode ser reduzida à fórmula $S \text{ é } P$, ou $A=A$, onde há um julgamento segundo a lei do princípio de identidade. O princípio de identidade é uma proposição que tem a seguinte fórmula lógica: $A=A$, onde o primeiro A é aquele que é posto no Eu, que se comporta como sujeito absoluto e por isso é denominado sujeito. O segundo A coloca o ser como predicado nominal. A proposição *Eu sou* é quem funda a proposição $A=A$. O Eu é a primeira expressão da identidade entre sujeito e atributo; sujeito=atributo e isto ocorre pura e simplesmente

sem outra mediação. “O Eu é aquele que põe A no lugar do predicado em decorrência de o mesmo ter sido posto no sujeito; sei do meu por de que sou sujeito, portanto de mim mesmo, intuo reflexivamente a mim mesmo, sou para mim o mesmo”. É uma proposição que vale segundo a forma e também segundo o conteúdo.

Eu sou se sustenta na substância, sem precisar recorrer à materialidade do significante. Se os significantes se estruturam em torno de um vazio e não mais como presença de um ser, o ser do toxicômano não é vazio. Nesse caso a palavra não mata a coisa, aí há uma correspondência, pois pelo *Eu sou*, ser que lhe corresponde e que vai equivaler ao objeto de necessidade, o toxicômano vai encontrar no mundo uma substância. Há aqui um engano, pois esse enganche, esse acoplamento entre forma e tóxico, entre frase e substância confere ao toxicômano a ilusão de deter um saber sobre a causa de seu gozo, na medida em que encontra o gozo na droga e conclui que é isso que o causa. Não é por acaso que muitas instituições de tratamento ratificam esse engano ao possuírem em sua equipe de trabalho ex-drogados. Há uma fala de saber sobre o gozo e sobre os efeitos químicos do produto, onde falta o Sujeito Suposto Saber.

Há um fracasso na montagem da pulsão

Se para Freud a droga é a melhor solução ao desprazer, ao mal-estar da civilização, numa leitura lacaniana a droga é a melhor solução às consequências, ao mal-estar provocado pela inscrição do sujeito na materialidade do significante.

A clínica das toxicomanias é bem provida de exemplos de certas drogas, como a heroína e a cocaína, que permitem uma obtenção quase que plena de gozo. Os pedidos de tratamento não se queixam do gozo obtido, mas das consequências de um uso exacerbado.

A droga é um “modo de gozo”, retomando Miller em São Paulo, que contradiz a dialética da pulsão, já que “nenhum objeto de nenhuma necessidade pode satisfazê-la”, como afirma Lacan.

Lacan inclui a pulsão na ordem simbólica, a pulsão vai ser tomada como “uma montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é do inconsciente.” A pulsão não pode se satisfazer plenamente, atingir seu alvo e assim a complexidade da rede significante se dá.

Na toxicomania não se observa esse percurso pulsional, é por isso que se pode falar em um fracasso da montagem da pulsão. Laurent, se pergunta se se trata de um novo modo de gozo ou de um buraco no gozo. A pulsão se fixa, ligando-se ao objeto em sua substância, só havendo troca de objeto quando a substância não mais responde. Há uma identidade da substância com a coisa, diferente do das Ding de Freud e do objeto_a de Lacan onde o referente é vazio. A posição do toxicômano revela-se a de um ser uno e consistente, preso a uma imutabilidade, a uma fixação de gozo, não havendo um contorno da pulsão. O objeto em sua função de objeto da necessidade é resgatado, perdendo seu valor de objeto_a causa do desejo, indo ao objeto mais-de-gozar, como lembra Lacan.

Quando Miller diz que “a pulsão se satisfaz no circuito auto-erótico pelos meios do objeto_a que vai buscar no Outro”, tem-se aí ressaltado o movimento de chamada de algo no Outro, campo em que a pulsão encontra os semblantes. Ao romper com o falo

imaginário a tentativa de obtenção de gozo pelo toxicômano se dá sem se recorrer Outro do discurso universal, sem passar pelos valores da cultura, “espaço onde são inventados os semblantes”.

Se o significante para Lacan é causa material do gozo, na toxicomania como foi visto há um gozo que toma sua causa formal, na medida em que este é da ordem da gramática. A questão final é saber qual é a outra causa, que encerra o toxicômano num gozo obtido por um produto da indústria. Há quem compare a toxicomania ao vampirismo, no sentido em que o vampiro necessita de uma substância, o sangue como um objeto vital, da necessidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. - *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Papirus Editora, 1990.
- FICHTE, J. G. - *A doutrina-da-ciência de 1974 e outros escritos*. São Paulo, Abril Cultural, Os Pensadores, 1980.
- FREUD, S. - La negación.
- LACAN, J.- Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse , *ÉCRITS*, Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- _____. - Respuesta al comentario de Jean Hyppolite sobre la “Verneinung” de Freud. *ESCRITOS.II*. México, Espanha, Argentina , Siglo Veintiuno editores.
- _____. - Livro XI: *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. 1979.
- _____. - Livro 20: *Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Zahar Editores S.A., 2ª edição, 1985.
- LAURENT, E. - Trois remarques sur la toxicomanie. *Quarto*, nº42, Bulletin de L’Ecole de la Cause Freudienne en Belgique, 1989.
- MILLER, J-A. - Introduction à l’impossible-à-suporter. Des modalités du rejet. Barcelona 1992.
- _____. - “As novas formas do sintoma”. Conferências realizadas em São Paulo, 1996.

Publicado em:

- *Rumo ao Âmago da Cura Psicanalítica* - Estudos clínicos. Empresa Gráfica da Bahia. Salvador abril de 1998.
- *O Brilho da infelicidade*. Contra Capa Livraria Ltda. Kalimeros, 1998, Rio de Janeiro.